

# DO LITORAL AO SERTÃO TEM DANÇA, MÚSICA E TRADIÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DO TURISMO PEDAGÓGICO PARA O RECONHECIMENTO DA DIVERSIDADE CULTURAL DE PERNAMBUCO

Waldemar Cavalcante de Lima Neto<sup>1</sup>

Valéria Severina Gomes<sup>2</sup>

## RESUMO

A escola é uma instituição responsável pelo processo de socialização (GÓMES; SACRISTÁN, 1998). Além disso, ela é um espaço aberto à realidade heterogênea (FREIRE, 2011) e deve valorizar a pluralidade de ideias, de concepções, bem como permitir a interação cultural, pois, a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB n. 9394/96), no artigo III, orienta para uma prática de liberdade em aprender, ensinar e pesquisar, voltada para a divulgação da cultura, do pensamento, da arte e do saber. Por isso, pensou-se numa prática capaz de possibilitar o acesso aos bens culturais de modo crítico-reflexivo, tendo como finalidade a sensibilização dos sujeitos sociais para a valorização da cultura existente em Pernambuco. Assim, do Sertão ao Litoral, há uma diversidade cultural que deve ser conhecida não apenas pelo turista, mas, sobretudo, pelos autóctones, nesse caso, os educandos que precisam (re) conhecer a pluralidade existente no Estado de Pernambuco. Para isso, foi desenvolvida uma aula de campo com estudantes e professores de uma instituição pública localizada em Recife – PE que, em conjunto, desenvolveram um roteiro de atividade para reconhecerem os bens materiais e imateriais do Estado, saindo do Recife (Capital do Estado) em direção ao Sertão. Essa intervenção é resultado de uma pesquisa qualitativa norteadas pelo método

1 Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - PROGEL da Universidade Federal Rural de Pernambuco- PE, [wal\\_lundgreen@hotmail.com](mailto:wal_lundgreen@hotmail.com);

2 Professora e Doutora do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - PROGEL da Universidade Federal Rural de Pernambuco- PE, [valeria\\_sgomes@ufrpe.br](mailto:valeria_sgomes@ufrpe.br);

da pesquisa-ação, conforme Minayo (2012), que considera as crenças, os valores e as atitudes dos partícipes. As bases epistemológicas deste estudo foram: Beni (1998), Galhardo (2009), Freire (2002), Chauí (2006), Laraia (2000) e autores que contribuíram para a dialogicidade, bem como para o aprofundamento temático com sensibilização ao acesso aos bens culturais através da prática do turismo pedagógico, que favoreceu a integração, a cooperação, a solidariedade e a participação ativa e protagonista dos sujeitos sociais, históricos e ideológicos. O estudo considerou que, mediante a prática do turismo pedagógico, é possível o acesso aos bens culturais que constituem o patrimônio cultural de Pernambuco.

**Palavras-chave:** Cultura; Escola; Turismo pedagógico; Diversidade cultural.

## INTRODUÇÃO

A cultura de Pernambuco é resultado de um amplo processo de interação social. O homem é, por natureza, dialógico, portanto, constrói relações complexas e, a partir delas, elabora conhecimentos, crenças, artes, costumes, hábitos, leis, morais, bens materiais e imateriais que, em conjunto, representam a expressão cultural de um povo. Segundo Kruppa (1994, p. 32), a cultura é tudo que o homem produz em sociedade. Nesse sentido, pode-se dizer que se trata de um conjunto de costumes, dos modos de viver, de vestir, de morar, das maneiras de pensar, das expressões de linguagem, dos valores de um povo ou de diferentes grupos.

No Brasil, uma das unidades federativas que mais se destaca pela diversidade cultural é Pernambuco. Com expressivas manifestações culturais, o Estado é um destino bastante visitado em função de sua história e de sua cultura, o que lhe confere respeito no âmbito histórico, sociológico, antropológico e resulta da compreensão de que os sujeitos dessa localidade convivem em espaços históricos que atravessam suas existências. Portanto, do Sertão ao Litoral, há presença da dança, da música e das diversas tradições, cujas colaborações asseguram ao Estado de Pernambuco o título de berço multicultural. Ainda que seja preciso maiores investimentos e políticas públicas que garantam o acesso aos bens culturais, há possibilidade de sensibilizar as comunidades locais da relevância de suas potencialidades e riquezas no tocante à difusão da cultura. Nesse sentido, de que maneira é possível sensibilizar os sujeitos sociais, históricos e ideológicos de Pernambuco a respeitarem sua riqueza patrimonial, permitindo o acesso aos bens culturais do Estado? Quais instituições poderiam contribuir para fortalecer essa perspectiva?

A escola é uma das instituições que se responsabiliza pela socialização de múltiplos saberes (GÓMES; SACRISTÁN, 1998). Para além disso, ela também é um espaço aberto à realidade heterogênea (FREIRE, 2011). Portanto, o presente artigo é resultado de um estudo aplicado à educação, considerando o turismo pedagógico como mecanismo imprescindível para fortalecer o processo de reconhecimento da diversidade cultural de Pernambuco. O trabalho originou-se de uma intervenção com estudantes de uma escola pública em Recife – PE para compreender que o turismo, em diálogo com a visão educacional, possibilita a aprendizagem de conceitos culturais e promove a interação, integração e respeito mútuo, ademais, colabora com o reconhecimento do patrimônio cultural. Assim, a intervenção buscou valorizar a pluralidade de ideias, de concepções, bem como permitir a interação cultural, pois, consoante a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, (LDB n. 9.394/96), no artigo

terceiro, a escola deve abrir-se a uma prática de liberdade em aprender, ensinar e pesquisar. Por isso, a convicção da necessidade de acesso aos bens culturais de modo crítico-reflexivo, tendo como finalidade a sensibilização dos sujeitos sociais para a valorização da cultura existente em Pernambuco e, desta forma, (re)conhecer os bens materiais e imateriais do Estado.

Desse modo, a ação deslocou os estudantes do ambiente escolar ao campo social e comunitário, ou seja, permitiu que o espaço aberto se tornasse a sala de aula e possibilitasse o contato dos estudantes com a cultura viva existente nas localidades, nas sub-regionais (Sertão, Agreste, Zona da Mata e Litoral). A hipótese do estudo relaciona-se a assertiva de que as aulas de campo ou extraescolar, vivenciadas através do turismo pedagógico, constituem-se como um caminho para que o ser social em contínua formação, imerso na escola, amplie os saberes e tenha acesso responsável ao patrimônio cultural.

Logo, a escola, ao permitir o contato dos estudantes com o patrimônio cultural, a partir do turismo pedagógico, contribuiu para a valorização dos bens culturais do Estado de Pernambuco, considerando que, do Sertão ao Litoral, há uma diversidade cultural que deve ser apreciada não apenas pelo turista, mas, sobretudo, pelo autóctone. Assim, os educandos e as educandas necessitam não apenas conhecer, como também socializar os saberes e os fazeres de sua localidade.

## **METODOLOGIA**

Tecer diálogos entre cultura, turismo e educação foi o ponto inicial das investigações que contribuíram para a composição deste estudo, que permitiu evidenciar a diversidade cultural de Pernambuco como prática educativa. Ciente da riqueza e da extensão cultural do Estado, os estudantes, sujeitos participantes deste estudo, junto aos professores que desenvolveram e acompanharam as atividades de turismo pedagógico, decidiram conhecer as seguintes tradições que envolvem a dança e a música: o Samba de Véio (Sertão), a Mazurca (Agreste), o Cavalo-Marinheiro (Zona da Mata) e Coco (Litoral).

O método utilizado foi a pesquisa-ação que, para Thiollent (2011, p. 17), é de cunho participativo. Assim, os sujeitos são convidados a propor alternativas de solução de um problema que interfere nos processos expostos pelo coletivo, neste caso, o reconhecimento da diversidade do patrimônio cultural de PE. Além disso, segundo Minayo (2012, p. 21), esta pesquisa considera as crenças, os valores e as atitudes dos participantes. A abordagem da pesquisa contou com um delineamento qualitativo, uma vez que permite interpretar o

universo dos significados, por meio de uma análise indutiva (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.70).

Contribuindo de modo elucidativo para a compreensão dos estudos sobre os bens culturais e a educação, enquanto fenômeno inacabado de ensino-aprendizagem, foi feito o levantamento de um referencial bibliográfico, em material impresso, audiovisual, revistas, ensaios, artigos e outros gêneros de base acadêmica, que favoreceu o entendimento sobre a relação educação, turismo e cultura. Os sujeitos participantes foram 35 estudantes de uma instituição pública de Ensino Médio, Técnico e Tecnológico, localizada no Recife – PE, e três professores de áreas e conhecimento distintas. Assim, ao longo de dez dias, os participantes puderam estar em contato com as manifestações locais expostas no escopo do referencial teórico e, através da relevância do turismo pedagógico, ter acesso à diversidade cultural existente no Estado. Para a coleta dos dados, foi utilizada a técnica de observação participante que, conforme Queiroz *et al.* (2007, p. 278), atenta para:

o aspecto ético e para o perfil íntimo das relações sociais, ao lado das tradições e costumes, o tom e a importância que lhes são atribuídos, as idéias, os motivos e os sentimentos do grupo na compreensão da totalidade de sua vida, verbalizados por eles próprios, mediante suas categorias de pensamento (QUEIROZ *et al.*, 2007, p. 278).

Por fim, foram aplicados questionários aos estudantes para compreender os benefícios, os alcances e os desafios enfrentados pela escola para promover o acesso aos bens culturais e reconhecer a diversidade cultural no Estado de Pernambuco. À luz do referencial, foram feitos os apontamentos na seção intitulada resultados e discussão.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Durante anos, o turismo foi tido como uma atividade predatória causadora de males sociais, uma vez que o olhar sobre o fenômeno recaía sempre na perspectiva da economia. Para Körössy (2008, p. 57), o turismo direcionou-se quase que exclusivamente aos aspectos econômicos e aos contributos que ele poderia desempenhar no Produto Interno Bruto. Contudo, observou-se que uma visão para além dos indicadores econômicos emergiu, evocando maiores cuidados aos fatores ambientais e sociais. Assim, novas reflexões foram promovidas acerca do turismo e, na contemporaneidade, ele é visto como uma atividade que permite a reformulação de olhares e coloca os sujeitos em contato

com hábitos, costumes e culturas diferentes, ressignificando sua maneira de interpretar a vida.

De acordo com Barreto (2002, p.09), a prática do turismo exige o deslocamento das pessoas de suas localidades para visitar a localidade de outrem, isto é, os processos inerentes ao fenômeno turístico se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista em determinado município, estado ou país. Neste movimento, que consiste no deslocamento voluntário e temporal, há motivos que favorecem este fenômeno de ordem social, tais como: recreação, descanso, lazer, saúde, cultura, ou seja, a promoção de satisfação (DE LA TORRE, 1994, p. 19). Portanto, trata-se de uma atividade com fins planejados que poderá desempenhar, na vida do viajante, o acesso aos mais diversos bens, dentre os quais destaca-se a cultura.

Dito isso, salienta-se que, se o turismo pode fomentar o acesso à cultura, esse papel também é cabível à educação. No artigo 1º da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 9394/96, versa que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996, Art. 1).

Percebe-se, pois, a relevância das manifestações culturais para o desenvolvimento pleno dos educandos em formação escolar. Contudo, é preciso mencionar as dificuldades, nos sistemas de ensino, nas instituições escolares, nas famílias e na própria sala de aula, de acesso aos bens culturais sejam materiais, sejam imateriais da cultura. Nesse sentido, é importante pensar em estratégias que colaborem para a vivência de práticas que permitam o acesso ao patrimônio cultural, entendido, segundo o Art. 216 da Constituição Brasileira de 1988, como:

os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Portanto, a escola pode ressignificar suas práticas e criar mecanismos que cooperem para que os educandos tenham acesso ao universo diversificado do

patrimônio cultural. Neste sentido, através da vivência da experiência extraescolar (BRASL, 1996), é importante promover o deslocamento dos estudantes a outras localidades com a finalidade de vivenciar e compreender a diversidade sociocultural. Dessa forma, a Base Nacional Comum Curricular preconiza que, na contemporaneidade, a escola acolherá os educandos para a compreensão de que “a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas, e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história” (BRASIL, 2018, p. 467).

Logo, a escola poderá, sempre que necessário, permitir o deslocamento dos estudantes a outras localidades para conhecerem os bens culturais distintos do local onde ela se encontra. Para o Ministério do Turismo (2010), esse tipo de prática é conceituado como o turismo de estudo. Os seus pressupostos datam do final do século XVI quando ocorriam os *Grand Tour*, no qual os pais aristocratas financiavam viagens de estudo a seus filhos, a fim de lhes promover o acesso aos bens refletidos na escola, além de permitir aos estudantes a qualificação e a ampliação de conhecimentos de âmbito pessoal e profissional (ANDRADE, 2000).

Assim, o turismo de estudo resulta no desenvolvimento do turismo pedagógico, cuja finalidade é o aprendizado contínuo. De acordo com Beni (1998, p. 78), além de promover o amadurecimento e a ampliação da visão, influencia na forma de pensar, de sentir e de agir.

Acrescenta-se ainda que tal exercício é vantajoso, uma vez que mantém relação direta com o processo de ensino-aprendizagem, permitindo a vivência do currículo alinhada às estratégias lúdicas, tendo como base a formação cidadã plena. Logo, as aulas advindas do turismo pedagógico possibilitam a expansão do conhecimento acerca do acervo cultural; o pertencimento à história e à identidade cultural; a percepção da pluralidade cultural existente, ou seja, promovem a identidade educacional e social. Evidentemente que a questão identitária está imbricada na questão cultural, a qual muitas vezes é tangenciada na instituição escolar, portanto, é imprescindível construir conexões entre os agentes escolares e a cultura.

A cultura permite o ser enxergar o mundo (LARAIA, 2009, p. 23). Sendo assim, pautando-se no Art. 3 da LDB, a ministração do ensino deve ater-se ao seguinte princípio: II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber (BRASIL, 1996). Assim, o turismo pedagógico favorece experiências fortalecedoras para a aprendizagem cultural e cidadã. Diante disso, ressalta-se a diversidade cultural de Pernambuco, a qual se manifesta através do folclore, das tradições seculares, das artes plásticas,

do artesanato, da dança e de bens patrimoniais. Para Gilberto Freyre (2001, p. 56), isto é resultado do processo de formação de nossa sociedade, por isso ele diz que:

somos uma sociedade miscigenada do ponto de vista cultural e étnica, que distanciadas pela situação colonial, acabariam por aproximar-se num processo de superação de conflitos seculares, o que permitiu o contato entre povos diferentes e surgir uma cultura diversificada (FREYRE, 2001, p. 56).

Com base nesta concepção, pode-se citar as tradições dançantes do Estado, que, segundo Achcar (1985) citado por Rocha (2007, p. 77), é a arte do movimento e da expressão, onde a estética e a musicalidade prevalecem. Além disso, carregam sentidos que revelam a história social e cultural de um povo, sendo, inclusive, um atrativo cultural imaterial. Por isso, do litoral ao sertão, há manifestações que constituem parte do patrimônio cultural. Para Chauí (2006, p. 15), é necessário conhecer esse patrimônio, permitindo que ocorra a educação patrimonial que, segundo Horta (1999, p. 12), se configura no conhecimento da herança que recebemos e sobre a qual constituímos o nosso presente e o nosso futuro. Portanto, o turismo pedagógico coloca os atores escolares em contato com a diversidade cultural existente através da vivência extraescolar. No tocante à dança e à música, expõe-se as seguintes tradições encontradas nas sub-regiões do estado:

- Zona litorânea: o coco. Dança de origem afro-indígena que é vista por alguns folcloristas como uma manifestação essencialmente praieira. Para Mário de Andrade (1984, p. 347), a dança coco:

é vinculada ao processo de escravização. Os negros ao voltar do árduo trabalho do dia, reuniam-se nas senzalas, e ao som de palmas e tambores e 37 acompanhados por emboladas cantadas e da batida dos pés, realizavam a dança, como forma de esquecer um pouco os sofrimentos e injustiças a quem eram submetidos (ANDRADE, 1984, p. 347).

- Zona da Mata: destaca-se o Cavalo-Marinho. Trata-se de uma das variações do bumba-meu-boi, cuja manifestação popular tem origem ibérica, sendo apreciada no ciclo natalino. Para Murphy (2008, p. 53), o Cavalo-Marinho é a versão regional do boi de terreiro, que é exclusiva da Zona da Mara Norte de Pernambuco e Paraíba.
- Agreste: a Mazuca é uma dança de origem afro-indígena. Os casais em formato de roda cantam loas com o acompanhamento do pandeiro,

ganzá e batida dos pés. Em Agrestina, quem preservou, durante anos, a tradição foi dona Amara Maria da Conceição, falecida em 2009, aos 107 anos, que ficou conhecida como Amara da Mazuca.

- No sertão: de raízes afro-indígena, o samba de véio, encontrado na Ilha do Massangano, em Petrolina, tem mais de 120 anos de existência. A tradição, ainda pouco conhecida, ganha notoriedade pela cultura da oralidade sendo bastante apreciada no período natalino. Às margens do Rio São Francisco, o samba é fundamental para a localidade, pois permite o exercício da cidadania cultural através das entoadas que falam das práticas do cotidiano dos ilhéus.

Logo, Pernambuco é um local rico em manifestações, sendo possível vivenciar a cultura ímpar do litoral ao sertão, pois há música, dança e tradição. Nitidamente, esses elementos da cultura expressam os processos de miscigenação que compõem a identidade cultural local. O exercício do turismo pedagógico favorece o acesso e o conhecimento dessas atividades socioculturais plurais, e a escola deve, através de sua abertura contínua aos múltiplos saberes, proporcionar aos educandos a possibilidade de ampliar o repertório sociocultural e explorar os sentimentos advindos da valorização dos bens patrimoniais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para Pereira (2011, p. 111), a interpretação dos resultados de uma pesquisa implica a busca de uma explicação plausível para os achados. Por conseguinte, mediante a vivência do turismo pedagógico que permitiu roteirizar a visita do litoral ao sertão, com estudantes e educadores de uma escola pública em Recife – PE, tendo a duração de 10 dias, foi possível vivenciar e compreender a diversidade cultural de Pernambuco. Os estudantes refletiram acerca dessa herança, desde a sala de aula, e puderam, ao longo da trajetória, constatar o que conheciam teoricamente. Foram discutidos temas que se associaram ao processo de colonização, aos hábitos, aos costumes dos povos autóctones, à gastronomia, ao apreço pela espiritualidade carregada pelo povo pernambucano etc. Concluindo que o conjunto desses fatores resulta no patronômio cultural do estado. De posse desses conhecimentos, foi realizado um exercício de memória e de valorização dos aspectos históricos e culturais. Para Galhardo (2009, p. 106):

O Estado de Pernambuco foi um dos pioneiros nos cuidados com a preservação do seu patrimônio cultural. Intelectuais

pernambucanos instruíram há mais de dois séculos, sobre a importância da memória histórica e sua preservação para a construção de um país. Para esses intelectuais pioneiros neste tema, um país sem passado também seria um país sem futuro (GALHARDO, 2009, p. 106).

Quando aplicado o questionário aos estudantes a respeito da relevância das aulas de campo para ampliação de olhares e de conhecimento acerca do patrimônio cultural, eles foram unânimes em afirmar que as aulas são imprescindíveis para este fim. Conforme o Artigo 3º da LDB, no Inciso 10, a experiência extraescolar coopera para a transformação das mentalidades.

Em seguida, foi questionado se eles tinham conhecimento das manifestações apreciadas no roteiro elaborado coletivamente. Apenas dez estudantes afirmaram que conheciam bem as tradições em questão, e 25 estudantes informaram que não possuíam conhecimento da diversidade cultural do Estado. Assim, a pesquisa indica a relevância das aulas de campo para que os bens culturais se tornem acessíveis e conhecidos. No estudo em questão, dos três educadores, um deles não conhecia a historicidade pernambucana e teve acesso pela primeira vez aos elementos que compõem a identidade cultural dos locais visitados. Para Chauí (2006, p. 8-9), a cultura é ímpar, visto que ela se imbrica nas questões de memória, do esquecimento, das produções sociais, dos pensamentos, das artes e dos valores. Assim, salienta-se que essa prática conduz os educadores à pesquisa para que também se tornem conhecedores da cultura local.

A respeito da relação turismo e educação tendo como segmento o turismo pedagógico, constatou-se que ele é capaz de contribuir com a formação dos sujeitos, alunos e professores, contudo é necessário planejamento, cooperação e engajamento do protagonismo juvenil que, para Souza (2008), tem uma relação com a atuação social e o exercício da autonomia. Nesse sentido, é preciso evocar Freire (2002), ao afirmar que a autonomia deve ser fundada na ética e no respeito à dignidade dos seres. Portanto, os envolvidos com a vivência construíram laços de compreensão, de amorosidade, de solidariedade e de reconhecimento da diversidade sociocultural.

Outro elemento que merece destaque é o valor das expressões do patrimônio cultural, em especial, no que diz respeito aos bens imateriais. De acordo com Costa e Castro (2008, p. 127), os bens imateriais ou patrimônio imaterial, podem ser definidos como:

um conjunto de práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades reconhecem como

parte integrante de sua cultura, tendo como uma de suas principais características o fato de tradicionalmente ser transmitido de geração a geração, gerando sentimento de identidade e continuidade em grupos populacionais (COSTA; CASTRO, 2008, p. 127).

Tendo a compreensão de que o patrimônio imaterial constitui um bem inegável à cultura, os estudantes junto aos professores tiveram acesso às tradições dançantes que recorrem à oralidade para a perpetuação de sua existência. Para efeito de socialização dos conhecimentos construídos, apresenta-se uma síntese das vivências durante o turismo pedagógico:

No litoral, os participantes tiveram contato com o coco, enquanto manifestação da cultura imaterial litorânea, tem origem africana e indígena. De acordo com Mello (2009), trata-se de uma dança popular que, através dos movimentos românticos, ganhou notoriedade sendo parte da cultura popular. As rodas de coco apontam para a cultura da resistência e da força, sendo representado no estado por grandes nomes como Selma do coco, Jackson do Pandeiro e tantos outros que colaboram para que os mais diversos tipos de coco coexistam, tais como: o coco-de-umbigada, coco-de-embolada, coco-do-sertão, coco-de-praia. Assim, os envolvidos tiveram contato com a dança e puderam participar de uma roda de coco e cantar canções como A rolinha, de Selma do Coco, que, para Amorim (2010, p. 98), trata-se da composição mais conhecida e diz: “o corre, corre, corre, pega, pega, minha rola, a voa, voa voa, pega, pega minha rola”. Enquanto entoam a canção, os brincantes fazem as performance da dança.

Na Zona da Mata, foi a vez do Cavalo-Marinho. Misturando música, poesia, coreografia, loas, toadas e uma apresentação teatral, que mostra de maneira ímpar os personagens: capitão Marinho, Mateus, Bastião, O soldado de Gurita, o Mané do baile, o festejo apresenta a disputa entre Mateus e Bastião pelo amor de Catirina. Os participantes tiveram contato com o Cavalo-Marinho Boi Pintado, na cidade de Aliança – PE. Em suma, os envolvidos perceberam que a manifestação, para além da dança e da música, representa uma entrega plena à cultura que comporta dedicação, esforço e motivação para preservar a tradição as futuras gerações.

No Agreste, os sujeitos perceberam que a manifestação dançante da mazuca, composta por crianças, adolescentes, jovens, adultos e pessoas idosas tinha sua perpetuação mediante os esforços de Dona Amara, que foi neta de escravos e conheceu a Mazuca ainda na infância. Tratada como rainha da dança, na cidade de Agrestina, dona Amara sustentou o legado até os últimos dias de sua existência, em 2009 aos 107 anos. Trata-se de uma dança de

origem polonesa “mazurca”, a qual animava as casas-grandes dos engenhos, cujos negros só ouviam de longe e, para desfrutar do ritmo, criaram a sua própria “mazuca”. Culturalmente é preparado um porco ou um bode para ser comido, ao longo da noite, enquanto seus participantes se divertem dançando e bebendo. Há um forte apego à tradição oral, uma vez que eles, além de dançar, contam histórias sobre o passado, o cotidiano e fazem jogos com as palavras, como exemplifica a letra da música “papagaio”, de Valdir Silva<sup>3</sup>: *Aplantei mandioca, papagaio. Nasceu macaxeira, papagaio. Nego macho fede, papagaio. Nega fêmea tem suor, papagaio.* O contato dos participantes com a mazuca permitiu compreender que são diversas as manifestações musicais e dançantes no território pernambucano.

No Sertão, os participantes tiveram contato com o Samba de Véio, manifestação cultural popular que se vincula ao reisado. A dança inicia com a afinção dos instrumentos e um ritual bastante curioso, pois, às margens do Rio São Francisco, os homens afinam os instrumentos e as mulheres regam o solo com água do rio, requerendo a bênção e permissão para que todas as faixas etárias se envolvam com a “sambada”. Com mais de 130 anos de existência, o legado é passado de geração a geração e entretém os visitantes. Assim, os envolvidos com a prática do turismo pedagógico puderam ter contato direto com uma tradição cultural secular e entender que a educação patrimonial, segundo Horta, Grumberg e Monteiro (1999, p. 06), leva crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo encerra-se apontando uma necessidade de haver maiores aprofundamentos a respeito da relação turismo, educação e cultura. Compreendeu-se que Pernambuco é um vasto território, cuja cultura é singular e precisa ser discutida e vivenciada na escola e fora dos muros da geografia escolar. Assim, contribuiu significativamente a roteirização de uma visita com os sujeitos que fizeram parte desta pesquisa-ação, partindo do litoral ao sertão, revelando que há dança, música e tradição constituindo parte do patrimônio

3 Valdir, conhecido como cutia, é membro integrante e cantor da Mazuca de Agrestina. Atualmente, ele é quem faz a maioria das canções e leva o legado de Dona Amara junto com seu parceiro de canção Zé Pretinho, ambos tocadores e conservadores desta tradição. A Mazuca já se apresentou na festa da lavadeira e em eventos culturais realizados no Marco Zero no bairro do Recife Antigo.

cultural de Pernambuco. Com a aplicação dos questionários, foi visto que as escolas podem desenvolver estratégias de acesso aos bens culturais através do turismo pedagógico, que favorece exercício de experiências extraescolar e permite o reconhecimento da diversidade cultural de Pernambuco.

Por fim, os envolvidos puderam ter contato com a diversidade cultural do Estado, conhecendo, no Litoral o Coco, na Zona da Mata, o Cavalo-marinho, marca presença com seu ato teatral, no Agreste, foi a vez de conhecer a Mazuca, um ritmo envolvente que tem seus pressupostos imbricado à vida de sua principal representante Dona Amara (Em memória) e, por fim, no Sertão, às margens do Rio São Francisco, houve o contato com uma tradição secular chamada *Samba de véio*, cujas origens são afro-indígena. Assim, o estudo evidenciou que Pernambuco é um celeiro de cultura que, devidamente vivenciado no ambiente escolar e extraescolar, mediante a prática do turismo pedagógico, e que há possibilidade de permitir o acesso aos bens culturais que constituem o patrimônio cultural do Estado.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, aos nossos familiares e aos que nos ensinam a ser humano a cada dia.

## REFERÊNCIAS

ACHCAR, D. Ballet. Arte, técnica, interpretação. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes gráficas, 1985. In: ROCHA, Márcio Donizetti. Dança de salão, instrumento para a qualidade de vida. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo do Pinhal, SP, v.7, n.10, jan./jun. 2007.

AMORIM, Maria Alice. **Patrimônios vivos de Pernambuco**. Recife: FUNDARPE, 2010.

ANDRADE, Mário de. **Os cocos. Preparação, introdução e notas de Oneyda Alvarenga**. São Paulo, Duas Cidades; Brasília. INL/Fundação Pró-Memória, 1984

ANDRADE, José Vicente. **Turismo fundamentos e dimensões**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papyrus, 2002.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 2. Ed. São Paulo: Ed. Senac, 1998.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**:promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL, Lei N° 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação**. Disponível em: <[www2.senado.leg.br/bds/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bds/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)> Acesso em: 15 Ago. 2022

BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo de Estudos e Intercâmbio**: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – 2. ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018. Disponível em: [www.basenacionalcomum.mec.gov.br](http://www.basenacionalcomum.mec.gov.br). Acesso em: 02 Fev. 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural**. 1 ed - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

COSTA, Marli Lopes da; CASTRO, Ricardo Veivalves de. Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias? **Estudos de Psicologia** 2008, 13 (2), 125-131.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas/ Gilberto Freyre, tradução Olívio Montenegro; organização Omar Ribeiro Thomas. – São Paulo: Companhia de letras, 2001.

GALHARDO, Thales. **Arrecifes dos navios** – Almanaque da memória pernambucana: história, cultura, tradições, turismo, educação para o patrimônio. Recife: Gráfica Dom Bosco, 2009.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. et alli. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999.

GÓMES, Angel Ignacio Pérez; SACRISTÁN, Jose Gimeno. **Compreender e transformar o ensino**. \ J. Gimeno Sacristán e A. I. Pérez Gómez. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa – 4.ed. – ArtMed, 1998.

KRUPPA, Sonia M. Portella. **Sociologia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 13 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MELLO, Luiz Gonzaga De. **Antropologia Cultural**: iniciação, teoria e Temas. Petrópolis: Vozes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012

MURPHY, John Patrick. **Cavalo-Marinho Pernambucano**. Tradução André Curiati de Paulo Bueno. 1. Ed. Editora Música editada, 2008.

PEREIRA, Maurício Gomes. **Artigos científicos**: como redigir, publicar e avaliar. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. Ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: < 2.1-E-book-Metodologia-do-TrabalhoCientifico-2.pdf >. Acesso em: 8 out. 2022

QUEIROZ, Danielle Teixeira; VALL, Janaina; SOUZA, Ângela Maria Alves; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista Enfermagem**, UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83.

SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do protagonismo juvenil**. São Paulo: Paulus, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**/ Michel Thiollent. 18ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011[1947]